

Classes e luta de classes: novos questionamentos

HENRIQUE AMORIM E JAIR BATISTA DA SILVA (ORGS.)

São Paulo: Annablume, 2015, 205p.

Sandro Barbosa de Oliveira*

Em tempos de acirramento dos conflitos sociais no Brasil, vem a público um importante livro que ajudará a evidenciar o conjunto de relações sociais que vivenciamos. Organizado pelos cientistas sociais Henrique Amorim (Unifesp) e Jair Batista da Silva (UFBA), *Classes e luta de classes* se insere em um momento de intensas lutas no contexto de crise econômica e política, o que exige da sociedade a necessidade de repensar os caminhos do devir social.

O livro retoma a problemática das classes sociais e os desafios de interpretação do conflito social. Afirma, de partida, a que veio: analisar e discutir as classes enquanto problema teórico e político, ao expor uma longa trajetória de afirmação e negação da luta de classes que se origina na própria formação social capitalista. Amorim e Silva explicitam que a luta entre as classes compreende-se na formação social e nos pressupostos da sociedade capitalista, que se afirma no modo de produção dominante, mediada por ideologia, política e cultura.

A publicação reúne textos marxistas que discutem estrutura de classes e suas implicações. O primeiro artigo é do sociólogo Ricardo Antunes, que inicia com a pergunta: Quem é a classe trabalhadora de hoje? Para respondê-la, ele mostra o caráter multifacetado das classes sociais nas sociedades capitalistas e a complexidade, a heterogeneidade e a fragmentação do que chamou de *classe-que-vive-do-*

* Doutorando em Sociologia no IFCH-Unicamp. Email: ontologicosan@hotmail.com.

-trabalho. Antunes evidencia que a classe-que-vive-do-trabalho seria a “classe de homens que apenas trabalha” em contraponto àquelas que se apropriam do trabalho alheio, aspecto que valida analítica e empiricamente o conceito de classe social.

O sociólogo Alain Bihir analisa a nova concepção de relações de classes a partir das camadas médias assalariadas. Desvenda a dinâmica de classe dessas camadas referenciando-se na sociedade francesa, ao discutir os conceitos de classe média e pequena-burguesia e propor uma inovação analítica: a de *encadrement capitalista*. Esta categoria remete às camadas médias que defendem a modernização da sociedade e a racionalização do desenvolvimento capitalista através do Estado, para assegurar sua posição social e a reprodução do capital.

O filósofo Jacques Bidet discute a estrutura de classes e de partido e destaca a articulação entre fatores de classe, mercado e organização que se combinariam complexamente para formar relações de classes. Bidet problematiza os paradoxos da aliança entre luta de classes, classe e partido, e do conceito de esquerda, para discutir “o partido da classe fundamental e o movimento”, desenvolvendo análise metaestrutural acerca do aspecto organizacional.

Jair Batista da Silva analisa como a concepção de trabalho e práxis evidencia as classes sociais em Marx. Ele constata que Marx não legou uma teoria das classes sociais elaborada de modo sistemático em única obra, pressupondo que ela está espalhada em diversas produções. A hipótese de Silva elucida: a compreensão de Marx sobre a formação da classe social refere-se ao entendimento da noção de práxis pensada a partir do trabalho. Outra hipótese: a do proletariado como classe que iria supracumir os sofrimentos da humanidade foi alterada em escritos posteriores de Marx, remetendo-se à particularidade histórica da práxis social concreta na qual os agentes em embates se fazem e se refazem.

O texto de Henrique Amorim debate a tese do “fim das classes sociais” na teoria social brasileira. Polemizando com Gorz, Bell, Offe, Habermas e outros, apresenta o contexto de recepção dessas teorias e defende a tese de que foram incorporadas acriticamente por pesquisadores daqui, por se tratarem de teorias elaboradas a partir de realidades distintas da dinâmica das lutas na sociedade brasileira. O autor questiona se o conceito de classes em Marx se restringe à instância do econômico e elucida que as críticas às teorias marxistas são diversas e partem de um pressuposto comum: o esgotamento das sociedades industriais. Sua análise das transformações no processo de trabalho e expansão do capital mostra que esse tipo de produção aprofundou a exploração e expandiu a classe trabalhadora, ao evidenciar o reducionismo analítico dessas teorias e revelar a amplitude do conceito de classes enquanto econômico, político e social.

A economista Graça Druck apresenta concepções de classes e localiza os contextos em que essas teses foram formuladas. Ela resgata as formulações de Marx e Engels de como as classes “vêm se fazendo” e constata o princípio fundamental do trajeto: a historicidade do trabalho e das classes sociais no interior do sistema capitalista. Recorre às formulações de Beynon e Antunes para mostrar que as

mudanças sociais não têm reduzido as desigualdades de classes e se contrapõe às teses de que o conceito de classe não seja mais válido.

O cientista político Leandro Galastri expõe a análise gramsciana da diferenciação de classes sociais e grupos subalternos alicerçado em dois aspectos: 1) no caráter de que o papel político e social das classes revela o conteúdo de um caminho central para o entendimento das sociedades contemporâneas; e 2) no argumento de que os conceitos de classes e grupos subalternos formulados por Gramsci atualizam as possibilidades analíticas e políticas das classes sociais, por permitir lidar com diferentes manifestações da relação capital-trabalho em situações de lutas concretas. Ao dialogar com Thompson e Gramsci, mostra a classe como um processo inserido em relações de forças sociais e políticas.

Por sua vez, a historiadora Fabiane Popinigi evidencia como a formulação das classes está presente nas obras de Thompson e, simultaneamente, analisa como a história social do trabalho no Brasil se apropriou dessa formulação. A autora recupera a noção thompsoniana de classe a partir da experiência, destaca o caráter relacional dessa concepção e a centralidade da agência histórica dos sujeitos a partir das circunstâncias produzidas e reproduzidas por eles. Mostra como classe, consciência e luta de classe constituem-se dialeticamente e promove uma crítica ao marxismo estruturalista.

A problemática da classe média é tratada pelo sociólogo Sávio Cavalcante. Ele situa que desde a segunda metade do século XX o marxismo enfrentou de modo sistemático o problema da emergência de assalariados distintos do proletariado tradicional. A partir da noção de “função” empregada por Marx em *O capital*, Cavalcante analisa a função que o trabalhador executa no processo produtivo e mobiliza as noções de trabalho produtivo e improdutivo para recolocar o problema. Referenciado em Poulantzas e Althusser, discute as funções de trabalho e capital e apresenta os lugares político-ideológicos das classes, distinguindo “classe média”, enquanto pequena-burguesia tradicional, da nova classe média assalariada.

O sociólogo francês Paul Bouffartigue fala em “retorno” das classes sociais porque passam a ser mencionadas na cena pública, além de voltarem a ser objeto de reflexão sociológica. Destaca a metamorfose das transformações nas classes sociais vivenciadas de modo paradoxal: de um lado a noção de *classe em si* para descrever as diferenciações objetivas; de outro, a noção de *classe para si*, que perde importância como dimensão de pertença coletiva. Tal paradoxo leva-o a destacar a situação de uma espécie de “luta de classe sem classe”.

Por fim, o historiador argentino Nicolás Iñigo Carrera retoma o conceito de classes sociais em Marx e Engels para expor a noção de grupo social definido pela propriedade das condições materiais de existência, a partir do desenvolvimento das forças produtivas e da divisão do trabalho. Ele situa a existência de grupos fundamentais na produção e circulação capitalista. E formula a noção de confrontação política dos grupos sociais a partir de dados sociais e econômicos da realidade argentina.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Saramago: ficção e história

João Valente Aguiar e Nádía Bastos

Dependência e imperialismo

João Quartim de Moraes

Crise de transição na economia mundial

Dieter Boris e Stefan Schmalz

Marxismo e reconhecimento

Jair Batista da Silva

Cohen e a teoria da História

Dossiê

31